

Selma Lagerlöf

O LIVRO
DAS LENDAS

tradução de
Pepita de Leão

LIVROS DO BRASIL

A LENDA DE UMA DÍVIDA

*Contada no banquete do Prémio Nobel,
a 10 de dezembro de 1909*

Foi há poucos dias. Encontrava-me no comboio, a caminho de Estocolmo. O dia declinava e já não se via bem no compartimento. Os meus companheiros conversavam, cada um no seu canto, mas eu conservava-me calada, escutando o ruído do comboio a correr sobre os carris.

Enquanto escutava, ia rememorando as ocasiões em que tomara o comboio para Estocolmo.

Na maioria dos casos, fora por um motivo desagradável: tinha ido ali para submeter-me a exames ou ainda com manuscritos à procura de editor.

Desta vez, era para receber o Prémio Nobel, e não estava longe de pensar que isso também não era muito divertido.

Vivera todo o outono em minha casa, em Värmland, dentro da maior solidão, e agora ia ser forçada a aparecer no meio de uma multidão de pessoas.

Era como se, no meu insulamento, tivesse tomado medo à vida e aos seres humanos, e sentia uma verdadeira angústia perante a ideia de ser de novo obrigada a mostrar-me na sociedade. Contudo, no íntimo, sentia sem dúvida uma felicidade imensa por ir receber o prémio e tentava abafar a minha angústia pensando naqueles que se alegrariam com a minha alegria. Era uma porção de velhos amigos, eram os meus, era sobretudo e acima de tudo a minha velha mãe, que eu deixara sozinha em casa muito satisfeita por ter vivido o suficiente para assistir a este grande acontecimento.

Ao mesmo tempo, atravessou-me o espírito a lembrança do meu pai: sentia um doloroso pesar por sabê-lo morto e não poder contar-lhe que obtivera o Prémio Nobel. Sabia que ninguém no mundo se teria alegrado mais que ele.

Jamais encontrara criatura alguma animada de tão grande amor, de um respeito tão grande pela poesia e pelos poetas. Se tivesse podido saber que a Academia Sueca acabava de conferir-me um grande prémio de poesia! Era uma verdadeira desgraça não poder contar-lho!

Quem já viajou em caminho de ferro pela noite escura sabe que, às vezes, durante longos minutos, as carruagens deslizam sobre os carris de uma maneira singularmente suave, sem o menor estremecimento. Nem rumor nem trepidação, transformando-se o surdo murmúrio das rodas em música suave e monótona. Dir-se-ia que o comboio já não corre sobre os carris, mas que se lança no espaço. Pois bem, justamente no momento em que dizia para comigo que gostaria bastante de voltar a ver o meu pai, sucedeu uma coisa semelhante: o comboio pôs-se a rolar de uma maneira tão suave, tão silenciosa, que me pareceu impossível estar ainda sobre a Terra. E então os meus pensamentos começaram a divagar.

Se fosse ver o meu velho pai ao Reino do Céu? Parecia-me que já ouvira falar de aventuras semelhantes sucedidas a outros. Porque não se daria o mesmo também comigo?

As carruagens continuavam a devorar o espaço da mesma maneira suave e silenciosa e, fosse qual fosse o seu destino, tinham muito que andar antes de chegar. Mas os meus pensamentos iam adiante delas.

Com certeza — dizia para mim — irei encontrá-lo recostado na sua poltrona, numa varanda aberta para o pátio inundado de sol, cheio de flores e de pássaros, a ler a *Saga de Fritjof*. Ao ver-me, pousará o livro, erguerá os óculos para a testa e virá ao meu encontro. E ouvi-lo-ei dizer, exatamente como era seu antigo costume:

— Bom dia, sê bem-vinda! Vens dar um passeio, não é assim? E como vais tu, minha filha?

E só depois de tornar a sentar-se ele começa a perguntar a si próprio porque viria eu procurá-lo.

— Espero que não tenha sucedido qualquer desgraça lá em casa — diz de repente.

— Oh, não, pai! Tudo corre bem.

E vou contar-lhe a grande novidade. Mas detenho-me, querendo guardar ainda o meu segredo, e faço um rodeio.

— Vim apenas pedir-te um conselho — digo-lhe, mostrando-me muito preocupada. — É que estou cheia de dívidas.

— Receio muito não poder ajudar-te — responde o meu pai. — Pode dizer-se do lugar onde estou como dos velhos castelos de Värmland: «Há de tudo, menos dinheiro!»

— De resto, não tenho dívidas de dinheiro.

— Então é muito pior. Mas conta tudo desde o princípio, minha filha.

— E não é de mais que me ajudes, porque a culpa, em princípio, é tua. Lembras-te de quando nos cantavas, acompanhando-te ao cravo, as árias de Bellman, e de quantas vezes, no inverno, nos fizeste ler e reler Tegnér, Runeberg e Andersen? Foi assim que contrái a minha primeira e já tão grande dívida. Pai, como poderei pagar-lhes por me haverem ensinado a amar os contos e os feitos heroicos, a pátria e a vida humana em toda a sua grandeza, em todas as suas fraquezas?

A estas palavras, o pai acomoda-se na poltrona e os seus olhos têm uma expressão tão linda... E diz:

— Estou bastante contente por ter contribuído para contraíres essas dívidas.

— Sim, talvez tenhas razão, pai. Mas devo dizer-te que ainda não é tudo. Tenho tantos credores! Pensa em todos esses pobres homens sem pouso que vagabundeavam por Värmland quando eras novo e que passavam o tempo a tocar e a cantar. Devo-lhes as loucas aventuras e as fugas sem conta. E pensa em todas as velhas narradoras de contos que habitam nas cabanas cinzentas à entrada da floresta e que me contavam tantas histórias do Näck, dos feiticeiros e das virgens roubadas pelo Troll. Foram elas, sem dúvida, que me ensinaram a traduzir a poesia da dura montanha e da floresta escura. E depois, pai, pensa em todos os pálidos monges de olhos fundos e em todas as monjas encerradas em sombrios conventos que tiveram visões e ouviram vozes. Sou-lhes devedora, pois servi-me do grande tesouro de lendas que amontoaram. E pensa, finalmente, nos camponeses da Dalecária que partiram para Jerusalém. Não lhes devo a ação heroica

que me deram a narrar? E não me bastou ter contraído dívidas com os homens... tenho por credora toda a Natureza. Há os animais da terra, as aves do céu, as flores e as árvores. Todos têm tido os seus segredos para me confiar. — Enquanto falo, o meu pai sorri e faz leves sinais com a cabeça, não me parecendo de modo algum inquieto. — Bem vês, pai, que todas estas dívidas são um grande fardo — digo-lhe, cada vez mais séria. — Na Terra, ninguém sabe como pagá-las, e pensei que aqui, no Céu, o saberiam.

— Sim, sim, certamente que o sabemos — diz o meu pai, que, segundo o seu costume, não parece tomar a coisa a sério. — Nós saberemos remediar as tuas dificuldades. Não tenhas medo, minha filha.

— Mas, pai, ainda não disse tudo. Devo também àqueles que têm enriquecido e cultivado a língua, que forjaram esse belo instrumento e me ensinaram a manejá-lo. E não sou também devedora aos que despertaram ideias e abriram caminhos? Não devo sobretudo àqueles que na minha mocidade eram os pioneiros da criação literária, os grandes noruegueses, os grandes russos? Não estou também em dívida por ter vivido numa época em que a literatura do meu próprio país teve a sua mais bela floração, por ter visto os imperadores de mármore de Rydberg, o mundo poético de Snoilsky, os camponeses de Geijerstam, os tipos modernos de Anne-Charlotte Edgren e de Ernst Ahlgren, o Oriente de Heidenstam, a história vivida de Sophie Elkan, as árias värmlandesas de Fröding, as lendas de Levertin, de *Thanatos* de Hallström, as pinturas dalecarlianas de Karlfeldt, e tantas outras obras jovens e modernas que incitam à emulação e fecundam o sonho?

— Sim, sim, tens razão — diz o meu pai. — Estás muito cheia de dívidas. Mas nós arranjaremos tudo.

— Creio que não compreendes bem nitidamente como tudo isto é difícil para mim. Decerto não pensaste que estou também em dívida com os meus leitores. Quanto não devo a todos, desde o velho rei e o seu filho mais novo, que pagou a minha viagem de aprendizado ao Sul, até às crianças das escolas que garatujavam cartas para me agradecerem *Nils Holgersson*! Que seria de mim se não tivessem querido saber dos meus livros? E é preciso não esquecer também os que escreveram a meu respeito. Lembra-te do grande crítico dinamarquês que me conquistou amigos por toda a parte

no seu país apenas com algumas palavras? E pensa naquele que está morto e que temperava a sua bebida de mel e vinagre tão sabiamente como nenhum outro o fez antes dele! Pensa em todos os que, nos países estrangeiros, têm trabalhado por mim. Devo a todos, tanto aos que me têm louvado, como aos que me censuraram.

— Sim, sim — diz o meu pai, que já não parece tão tranquilo, pois começa a compreender que não é assim tão fácil dar-me um conselho.

E prossigo:

— Lembra-te de todos os que me ajudaram, pensa na minha fiel amiga Esselde, que me abria caminho quando ninguém mais ousava ainda crer em mim. Pensa em todos os que têm protegido o meu trabalho, em todas as afeições que tenho encontrado, em todas as honras de que tenho sido cercada. Deves compreender que, se vim até junto de ti, foi para que me ensinasses a maneira de pagar tantas dívidas.

O meu pai baixara a cabeça. Já não exhibe a confiança que mostrara a princípio.

— Parece-me que não será muito fácil ajudar-te, minha filha. Mas, enfim, é tudo, não é?

— Oh, não! Tudo isso eu tenho podido suportar. Mas há pior. E é por isso que vim aqui procurar conselho.

— Não compreendo que possas ter ainda mais dívidas!

— Mas tenho, sim, pai.

E revelo-lhe o meu segredo.

— Nunca acreditarei que a Academia Sueca...

Ele olha para mim e vê que «isso» é verdade, e então cada ruga do seu velho rosto começa a tremer e as lágrimas afloram-lhe aos olhos.

— Que direi eu àqueles que assim decidiram e aos que me indicaram para esse prémio? Porque, pensa nisto, pai, não foi só honra e dinheiro que me deram. Eles tiveram fé em mim, pois ousaram distinguir-me perante o universo. Como poderei alguma vez saldar esta dívida?

O meu pai fica um momento silencioso, absorto nas suas reflexões. Depois, enxugando de repente as lágrimas de alegria, bate rudemente com o punho no braço da poltrona e exclama:

— Não! Não quebrarei a cabeça por uma coisa a que ninguém, nem aqui nem na Terra, poderá responder. Dado que obtiveste o Prémio Nobel, não quero pensar em mais nada senão em regozijar-me com isso!